



Lídia Jorge

Praça de Londres

Cinco contos situados



DOM QUIXOTE

Ficha Técnica

PRAÇA DE LONDRES

Autor: Lúcia Jorge

Publicações Dom Quixote

[Uma editora do Grupo LeYa]
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide • Portugal

*Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor
© 2008, Lúcia Jorge e Publicações Dom Quixote*

Design: Atelier Henrique Cayatte

Revisão: Clara Boléo

ISBN: 9789722041775

www.dquixote.pt

PRAÇA DE LONDRES

Tudo isto aconteceu agora. Caminhava eu ao longo do passeio, vinda do escritório do advogado. Pendurados dos meus braços trazia dois sacos repletos de *dossiers* com as provas da minha inocência. As pedras da calçada eram o prolongamento da mesa onde tinham estado as provas, bem como os códigos civis e penais, abertos nos artigos referentes aos meus presumíveis crimes. Vinha a pensar nos crimes que assim se cometem e nas leis com suas teias, ovos e aranhas, que os punem. Vinha a pensar nisso tudo, e na forma como o advogado tentava imaginar os meus crimes vistos do lado de lá, e a procurar deduzir os nomes para as minhas faltas, os meus roubos, as minhas trifulhas, as minhas ordens de liquidação deliberadas para ficar rica e opulenta, vinha eu a pensar nisso tudo, nesses gestos que já nem sei se não serão de facto mesmo meus, de tanto me serem atribuídos, sim, vinha eu concentrada, a olhar para a biqueira dos sapatos, mês de Novembro fora, noite já caída, crepúsculo iluminado pelas lâmpadas, mês ainda sem chuva nem frio, já com enfeites brilhantes por aqui e por ali, mas ainda longe daquele momento em que os sinos das lojas começam a cantar desesperadamente *Jingle bells, Jingle bells*, em vez de cantarem, sem subterfúgio, Compra aqui, Compra aqui, pois vinha eu. Como ia a dizer, vinha eu mergulhada nesse princípio de noite, Praça de Londres adiante, a pensar nos meus eventuais crimes de furto, burlice e danos a outrem, meus gestos manhosos e danosos, vinha a pensar unicamente nisso, quando de súbito levantei os olhos, naquela hora em que a rua estava

quase deserta, e eu vi uma coisa. Sim, é verdade, eu vi uma nítida coisa.

Pois que coisa?

Aparentemente era só um homem de cabelo cinzento, segurando nos braços uma criança de tenra idade, caminhando pelo passeio lateral da Praça de Londres, rua abaixo, na direcção da Mexicana. Mas se fosse apenas isso, homem caminhando com criança, isso não seria uma coisa. A coisa, seu núcleo duro e assombroso, inexplicável e indistinguível, residia no facto, dizia eu, de o homem de cabelo cinzento, próximo dos sessenta, não muito mais dos sessenta, alto, encorpado, camisa cor de vinho, sapatos de ténis, ventre raso e passada rápida, trazer uma criança de tenra idade nos braços e beijá-la sofregamente, à medida que descia pelo passeio lateral da Praça de Londres. Aí residia a coisa. Assim, a criança de tenra idade, coberta de roupas brancas felpudas, carapuço da mesma cor, deitada nos braços estendidos do homem, não deveria ter mais de dois anos e era beijada. E a criança, em resposta, revolvendo-se de alegria, nos braços do homem, soltava curtas gargalhadas. Homem quase velho beijando a criança, e a criança respondendo em gargalhadas breves e dobradas, a deslocarem-se ambos pela sombra fugidia das árvores, pelos lugares iluminados pelas luzes cruzadas das lâmpadas altas, pela calçada quadriculada, miúda, por onde passavam. Criança eufórica, nos braços do homem quase velho, elástico, plástico, andar silencioso, solas de sapatos de borracha, pavimento afora, braços estendidos, a caminhar na direcção contrária àquela por onde eu ia avançando com o saco dos papéis da prova contra meus presumíveis crimes, ali, como por encanto, separando o mundo dos crimes do mundo das outras realidades, ali vinha uma coisa. Caminhando, a coisa. Pus os sacos no chão para ver o homem quase velho com uma criança de tenra

idade, os dois a aproximarem-se, cada vez mais a aproximarem-se. Cada vez mais.

Então eu pousei os sacos.

E agora mesmo estão eles a passar por mim. Sim, ambos a passarem por mim. A coisa inteira e indistinguível a passar. Os beijos de um e as gargalhadas do outro a passarem perto, a dois metros de distância, a coisa íntegra e intocável a deslocar-se como se deslocava quando ainda vinha longe do meu corpo e eu já estava parada. Meu Deus. Parada a olhar agora para as costas do homem grisalho, cabelo farfalhudo, cinzento quase branco, camisa vermelha cor de vinho, bago de romã, coração de boi, a descer rua abaixo, e as roupas brancas da criança de súbito encobertas pelos seus ombros. Enquanto uma mulher tem pousados no chão os seus dois pesados sacos, contendo os *dossiers* relacionados com os putativos crimes que comete desde há anos, desde que publica e desconfiam dela, imaginando-a com uma unha avara e ladra que dizem estar dentro dela, disfarçada por fora por um anel normal que até é de ouro, uma mulher dessas ainda ali, tão perto do escritório do seu advogado, não pode voltar para trás, não pode perseguir rua fora um homem grisalho que vai beijando uma criança. Não, não pode.

Pois não pode, não.

A verdade, porém, é que o homem e a criança correm o risco de se afastarem para sempre, de desaparecerem para nunca mais, e uma pessoa, embaraçada com aquela bagagem, arrisca-se a ficar cega por uma imagem tão fugaz, tão fátua, que nunca mais verá outra vez na vida, e assim, o melhor é tentar prolongá-la tanto quanto puder, ou tanto quanto for possível, e por isso, o que deve é pegar nos sacos e tentar alcançar o homem quase velho com a criança pequena, embora não deva em caso algum alcançá-los mesmo, apenas ficar por perto, tentar ainda uma vez mais só que seja vislumbrar o homem quase velho com a criança ao peito, revê-lo de frente, naquele momento em que o

homem, concentrado sobre o corpo reboludo da criança, lhe poisa os beijos no babo, e eu a ver nitidamente os olhos dele descidos sobre aquele bocado de gente envolvido em roupas e em felpas. Repito, uma vez mais só que seja, e por isso é preciso correr com urgência atrás daquilo, daquela coisa inexplicável que vai caminhando lesta, já para além da Mexicana, e eu aqui ainda tão longe, tão à pressa e ainda tão distante, os meus sapatos tique tique na calçada, e a boá, a minha boá preta a querer saltar do pescoço e a escorregar para o chão. A boá a ser retirada do chão e a ser levada ao pescoço novamente, enquanto o homem se afasta. É preciso mesmo correr atrás dele se ainda o quiser ver, pelo menos mais uma vez de frente, a ele e à criança, e os beijos sôfregos, e as sombras das árvores e as luzes das lâmpadas cruzadas sobre eles. Uma só vez mais que seja. Força. Os sacos são pesados como chumbo, são os papéis e os presumíveis crimes, e com tudo isso a pender dos braços, é preciso mesmo correr rua abaixo. Por favor, esperem um momento, um momento só que seja.

E no entanto, não há momento.

Pois agora o homem já parou diante duma porta, a porta pelos vistos já se abriu. Ele já entrou. Tenho a certeza. Então nunca mais será. A coisa, nunca mais. De facto, estou aquém do vidro da porta e a coisa está muito além do vidro, embora para surpresa minha uma parte do objecto inominável se tenha transformado enquanto o homem subia os três degraus de mármore, pois agora o homem já está de costas para a porta diante do elevador e a criança, levantada ao ombro do homem, a criança ela mesma é quem olha para a porta. Vejo-a. A criança está virada de face para mim. Para o vidro da porta. Ali está, o rosto redondo e rosado, os olhos claros como os de um bebé sueco, a touca farfalhada branca, e um atilho que se desprende da touca cai nas costas cor de vinho do homem. Isto é, a criança é menina. Tenho a certeza.

O homem leva ao colo uma menina.